

Jesus, Rei e Testemunha da verdade (II)

Pesquisa exegetica-teológica de Jo 18,33-38a

Summary

In the first part of this article the author analysed the particular characteristics of the Passion according to John. This second part represents an exegetical-theological examination of Jo 18,33-38a. Through his rhetorical analyse the author shows how the Passion of Christ is characterised by his Kingdom. Central to Jo 18,33-38a is the question of Pilate: "Art thou a king then?" together with the response of Christ: "Thou sayest that I am a king". This answer points to the centre of the process. Jesus does not say: "Yes, I am a king", or: "No, I am not a king". Through his answer "Thou sayest that I am a king" he reveals the truth about himself: I am really a king, but not as you think. My kingdom is different, but it is a true kingdom. Jesus is the Witness to Truth. He brings us the revelation of the plan of God: i.e., the salvation of the world in Christ, the Son of God. This is his Kingdom.

* * *

Na primeira parte, vimos a teologia do evangelho de São João e a sua característica particular. Vimos que no centro da Paixão está a realeza de Jesus. Para compreendermos, portanto, o relato inteiro, devemos ter presente este aspecto.

Depois destas considerações gerais, temos nos aproximado cada vez mais do nosso texto. E porque no nosso texto a realeza de Jesus é o pensamento central, o nosso trecho tem uma importância especial para o relato inteiro da Paixão. Queremos, então, nesta parte, analisar detalhadamente o texto, para descobrir a teologia nele contida. Na terceira parte trataremos a teologia nos seus pormenores.

Vimos, na primeira parte, a estrutura concêntrica do nosso texto. Seguiremos estes passos em nossa explicação. Assim, compreenderemos melhor as correlações entre as partes do texto.

I. A pergunta de Pilatos: “És tu o rei dos judeus?” (Jo 8,33)

Depois de terem preso Jesus (Jo 18,1-11) levaram-no até Anás (Jo 18,12-13). Durante esse interrogatório, aconteceu a tríplice negação de Pedro (Jo 18,14-27); depois levaram Jesus a Pilatos (Jo 18,28). Os judeus não queriam entrar no pretório, para não se contaminarem. Por isso, Pilatos saiu, para saber deles a acusação contra Jesus (Jo 18,29-32). Os judeus não são capazes de encontrar uma acusação concreta, eles podem somente responder: “Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos” (Jo 18,30). A acusação manifesta somente que eles querem matar Jesus. Por isso Pilatos lhes responde: “Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei. Responderam-lhe os judeus: “A nós não nos é lícito matar ninguém” (Jo 18,31). Pilatos compreendeu qual era a intenção dos judeus; ele entra de novo no pretório para começar o interrogatório de Jesus. Este interrogatório tinha de ser em público, e era necessário, segundo o direito romano, para que o réu tivesse a possibilidade de defender-se publicamente contra as acusações.¹

Surge então a pergunta: como podemos chamar a conversa entre Pilatos e Jesus “interrogatório público”, uma vez que se realizou no pretório, a portas fechadas? Muitos autores não vêem nisto nenhum problema; aceitando simplesmente o fato. Bultmann vê a intenção de Pilatos: “Pilatos entra no pretório para poder ouvir Jesus sem testemunhas”.² Fabris comenta que o interrogatório correspondia, mesmo assim, às exigências do direito romano.³ Brown pensa na “reelaboração joanina do diálogo de Jesus com Pilatos”.⁴ Também Schnackenburg pensa na redação de São João, embora admite, que historicamente seria bem possível, que o interrogatório tivesse acontecido sem o público.⁵ Blank vê no fato histórico um significado teológico:

¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 282: “Das römische Gerichtsverfahren sah (im Unterschied zum jüdischen Zeugenverhör) eine eingehende Befragung des Angeklagten vor, für römische Bürger nach geregelterm Prozeßrecht (Akkusationsverfahren), für Nichttrömer, besonders in den Provinzen, in einem vereinfachten Kognitionsverfahren. Die Gerichtsverhandlung war öffentlich und gab dem Angeklagten genügend Gelegenheit, sich gegen die Anklagen zu verteidigen, wie es auch die Synoptiker voraussetzen”

² R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 505.

³ Cf. R. FABRIS, *Giovanni*, 928.

⁴ R.E. BROWN, *Giovanni. Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1063.

⁵ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 282-283.

Ficando fora do pretório, os judeus manifestam o seu lugar: eles ficam “fora”. Somente Jesus é conduzido para dentro do pretório ... O lugar tem um significado mais profundo. Aos gritos rudes dos judeus fora do pretório se opõe o discurso majestoso e calmo de Jesus dentro do pretório, pelo qual ele se revela. Mas, também o lugar de Pilatos tem o seu significado: ele sai e entra. Esta mudança determina a atitude do procurador. Com isto se mostram claramente os pontos de partida; a cena é aberta, o interrogatório pode começar.⁶

Esta interpretação me parece a mais equilibrada, considerando também as circunstâncias exteriores. Como se poderia ter realizado um interrogatório público enquanto os judeus faziam tanto barulho? Não era para prever um contínuo interromper da parte do povo, que teria causado complicações e mal estar? Pilatos conhecia muito bem o povo agitado, de modo que ele decidiu fazer o interrogatório dentro do pretório. Isto estava bem dentro da sua competência.⁷

Podemos também lembrar-nos da relação tensa entre Pilatos e os judeus. A imagem de Pilatos que Josefo Flávio e Filo de Alexandria nos transmitem seja talvez exagerada e muito negativa. Mas não podemos negar que Pilatos desprezava os judeus e gostava de humilhá-los.⁸ Considerando isso, parece bem provável que Pilatos propositadamente queria o interrogatório à parte dos judeus.

Evidentemente surge agora a pergunta: se o interrogatório era dentro do pretório, como João poderia saber o conteúdo? Será que São João inventou o diálogo entre Jesus e Pilatos?

Brown pensa que a presença de outras pessoas seria somente uma teoria.⁹ É verdade que o texto não dá nenhum aviso acerca disso. Diz

⁶ J. BLANK, *Das Evangelium nach Johannes*, 73: “Zugleich bestimmen die Juden damit auch ihren Standort: sie bleiben ‚draußen‘. Nur Jesus wird in das Prätorium hineingeführt, ob sofort oder später wird nicht gesagt. Die räumliche Ortsbestimmung hat in der johanneischen Darstellung zugleich eine tiefere Bedeutung. So steht dem pöbelhaften Geschrei der Juden draußen die hoheitsvolle, ruhige Offenbarungsrede Jesu im Innern gegenüber. Aber auch der Ort des Pilatus wird festgelegt durch den Wechsel von ‚hinausgehen‘ und ‚hineingehen‘; der wechselnde Standort bestimmt jeweils die Haltung des Prokurators. Damit sind die Ausgangspositionen klar gekennzeichnet; die Szene ist aufgerollt, und die Verhandlung kann beginnen”.

⁷ Cf. J. BLINZLER, *Der Prozeß Jesu*, 274f.

⁸ *Ibidem*, 192.

⁹ Cf. R.E. BROWN, *Giovanni. Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1061.

somente que Pilatos entrou no pretório e chamou Jesus para interrogá-lo. Mas a possibilidade da presença de outras pessoas fica aberta, de modo que testemunhas podiam ouvir o diálogo entre Jesus e Pilatos e depois relatar a outros.

Pilatos entra de novo no pretório. Em alguns manuscritos falta o *πάλι*. Segundo a gramática, não é necessário colocar essa partícula, que serve somente para reforçar o verbo.¹⁰ Também Bultmann explica *πάλι* com “de novo” e não com “pela segunda vez”: Pilatos entra de novo no pretório, porque ele tinha saído em v. 29.¹¹

Pilatos então chama Jesus e pergunta: “Tu és o rei dos judeus” (Jo 18,33)? Todos os quatro evangelistas transmitem esta pergunta literalmente: *Σὺ εἶ ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων*; (Mt 27,11; Mc 15,2; Lc 2,3; Jo 18,33). Esta pergunta pressupõe a acusação de Jesus como “Rei dos judeus”. Não encontramos esta acusação no versículo 30, Pilatos, portanto, deve ter recebido esta informação por outros, se não, ele não poderia fazer esta pergunta. O interrogatório inteiro tem como tema central esta pergunta decisiva: como se deve entender a realeza de Jesus?

Já temos visto que o título “Rei dos judeus” pode ser interpretado de várias maneiras¹², seja em sentido puramente político; seja em sentido religioso e político, como os judeus em Jo 6,15; ou seja em sentido puramente religioso, assim como Jesus entende a sua realeza.

No evangelho de S. João o título “Rei dos judeus” aparece somente em relação com o processo nos capítulos 18 e 19. Pela primeira vez, aparece em 18,33, na pergunta de Pilatos: “És tu o Rei dos judeus?” De novo, é Pilatos que pergunta no v. 39: “É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa; quereis, pois, que eu vos solte o rei dos judeus?” Em Jo 19, 3 os soldados escarnecem de Jesus com o “Rei dos judeus” e, pela última vez, aparece no título que Pilatos manda fixar na cruz: “Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: Jesus Nazareno, o Rei dos judeus” (Jo 19,19). Porque muitos judeus leram este título, os sumo-sacerdotes queixaram-se e pediram a Pilatos: “Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: «Sou o rei dos

¹⁰ Cf. BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, 413.

¹¹ R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 505.

¹² Veja a primeira parte desse trabalho, V.1: Visão geral do primeiro interrogatório de Jesus diante de Pilatos.

judeus»”. É a única vez que este título aparece na boca dos próprios judeus. Encontramos, portanto, confirmado o que afirma P. Lampe: “βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων encontra-se somente na boca dos romanos pagãos e dos magos (também Mc 15,12; única exceção é Jo 19,21)”.¹³ Fora destas passagens, Jesus é chamado “Rei de Israel” (Jo 1,49; 12,13), ou, simplesmente, “Rei” (Jo 6,15; 12,15; 18,37; 19,14; 19,15).

Na boca de Pilatos este título tem, evidentemente, caráter político. Como representante do estado pagão ele não tem nenhum interesse na religião dos judeus; menos ainda no Messias, ou numa realeza religiosa. O que lhe interessa é ordem e tranquilidade no país. Um “Rei dos judeus” é, para Pilatos, um revolucionário, que pretende o poder sobre o povo judeu.¹⁴ Judeus é para Pilatos o povo inteiro, não os sumo-sacerdotes e escribas, que no evangelho de S. João muitas vezes são chamados “os judeus”, como p. ex. v. 31: “Replicou-lhes, pois, Pilatos: Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei. Responderam-lhe os judeus: A nós não nos é lícito matar ninguém”. Aqui, “judeus” são as autoridades do povo; ao passo que, p. ex., em Jo 4,9 (cf. 4,22) “judeus” significa também o povo dos judeus: “Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)?”.

Vendo tudo isto no conjunto, compreendemos que Pilatos se interessa somente pelo lado político da realeza de Jesus. Isto é muito importante, porque mostra que ele procura objetivamente os motivos da acusação contra Jesus. Será que Jesus pretende ter uma dignidade política que Pilatos como representante e protetor do governo romano não lhe poderá conceder?¹⁵

Pilatos encontra-se, evidentemente, num outro nível que o de Jesus. É, por isso, não fácil, para Jesus, responder à pergunta dele com “Sim” ou “Não”. Primeiro, deve ser esclarecido o ponto de partida para chegar a uma compreensão mútua. Jesus tinha que responder com uma outra per-

¹³ P. LAMPE, *βασιλεύς*, em: *EWNT* I, 495.

¹⁴ Cf. *ibidem*.

¹⁵ Cf. R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 505: “Die Bedeutung der Frage ist damit gegeben, daß Pilatus, d.h. daß der Staat, den Begriff des Königs nur im politischen Sinne kennt. Pilatus verfährt also auch jetzt noch sachlich, insofern er, trotz des aus V. 31 sprechenden Mißtrauens gegen die Ankläger, gewissenhaft untersucht, ob Anlaß zu einem staatlichen Verfahren gegeben sei. Beansprucht Jesus eine politische Würde, die ihm der Vertreter der staatlichen Macht nicht zuerkennen könnte?”

gunta para, desta forma, alcançar uma base comum a partir da qual se poderá encontrar a resposta definitiva.

II. Os judeus e os sumo-sacerdotes como acusadores de Jesus (Jo 18,34-35)

Jesus responde a Pilatos: “Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?” (Jo 18,34). Em outras palavras: O título “Rei dos judeus” tem para você o mesmo significado que para os judeus? Se for assim, o título tem, evidentemente, o sentido político, quer dizer que Jesus seria um inimigo do imperador, que Pilatos deve matar. Os judeus sabem disto também; e é por isso que eles em 19,12 repetem esta acusação e usam-na como último argumento, depois de verem malogradas todas as outras tentativas de matar Jesus.

Esta resposta de Jesus era, portanto, em primeiro lugar, uma ajuda para Pilatos. Deveria ajudá-lo a refletir sobre a sua própria posição e não deixar impôr-se a opinião dos judeus. Ele deveria reconhecer que não havia motivo algum de condenar Jesus. Jesus, abandonado dos seus amigos, preso e amarrado, poderá ser realmente um rei perigoso?¹⁶ Além disso, Pilatos deveria ter sido consciente que o seu julgamento só poderia ser justo se o ponto de partida estivesse certo; isto significa, se os judeus usam o título “Rei dos judeus” no mesmo sentido que ele mesmo. A acusação tem somente sentido se ele e os judeus pressupõem o mesmo sentido político da realeza de Jesus.¹⁷

Pilatos, porém, não compreende a graça, que Jesus lhe oferece e responde, sentido: “Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim” (Jo 18,35). A sua pergunta é introduzida com a partícula μήτι, que exige uma resposta negativa.¹⁸ A desculpa de Pilatos é que a iniciativa da acusação não provém dele; por isso, ele não quer ser culpado mesmo sendo agora juiz nesta situação delicada.¹⁹ Assim, ele coloca a responsabilidade sobre os sumo-sacerdotes e o povo.

¹⁶ C.K. BARRETT, *The Gospel according to St. John*, 446: “You, a prisoner, deserted even by your friends, are a king, are you?”

¹⁷ Cf. B. SCHWANK, *Evangelium nach Johannes*, 441.

¹⁸ Cf. W. BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, 1053.

¹⁹ Cf. R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 506.

Povo significa aqui, evidentemente, não o povo inteiro dos judeus, mas sim a multidão presente e agitada pelos sumo-sacerdotes.²⁰

O Verbo παραδίδομι, que Pilatos usa aqui, lembra a tragédia da traição de Jesus. Παραδίδομι significa, no NT, “entregar ao poder de um outro”.²¹ Assim como Judas, um dos doze, um dos seus amigos mais próximos, o entregou (cf. Jo 6,64.71; 12,4; 13,2.11.21; 18,25), assim, agora, o seu próprio povo e os sumo-sacerdotes (cf. Jo 18,30.35) o entregam aos pagãos. É um pecado satânico (cf. Jo 6,71s.; 19,11). Mas, exatamente, assim se cumpre a profecia de Caifás que Jesus tenha que morrer pelo povo (cf. Jo 11,49-51). Depois de ter consumado a sua obra aqui na terra, Jesus entrega (παραδίδομι) o seu Espírito ao Pai (cf. Jo 19,30). Este gesto manifesta, numa maneira bem eloqüente, a entrega total de Jesus ao Pai. Da mesma forma como os judeus e os sumo-sacerdotes neste momento tinham entregue Jesus ao poder do Pilatos, Jesus se entrega, no fim da sua vida, totalmente ao Pai. Por meio desta entrega, realiza-se a obra da redenção e salvação do povo e de toda a humanidade.

Pilatos deixou, portanto, bem claro quem são os verdadeiros acusadores: não é ele; mas, sim, os judeus. Por isso ele quer saber agora onde está a culpa de Jesus. Esta pergunta trataremos no próximo ponto.

III. A pergunta de Pilatos: “Que fizeste?” (Jo 18,35)

Talvez Pilatos começasse a compreender que não é tão fácil resolver a pergunta da realeza de Jesus. Mas, como juiz, ele precisa de fatos para poder fazer o julgamento. Por isso, ele faz uma nova pergunta para receber uma resposta clara e poder constatar um fato jurídico concreto: τί ἐποίησας;

O verbo ποιέω significa, no evangelho de S. João, muitas vezes o agir de Jesus. Quase sempre se refere aos sinais e obras que Jesus realiza.²² P. ex., em Jo 2,11: “Jesus deu (ἐποίησεν) princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele” (cf. Jo 2,23). Ou, na conversa com Nicodemos: “Rabi, sabemos que és Mes-

²⁰ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 284.

²¹ Cf. W. BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, 1242. W. POPKES, *παραδίδομι*, em: *EWNT* III, 43.

²² Cf. W. RADL, *ποιέω*, em: *EWNT* III, 296.

tre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes (οὐδεὶς γὰρ δύναται ταῦτα τὰ σημεῖα ποιεῖν ἂν σὺ ποιεῖς), se Deus não estiver com ele” (Jo 3,2; cf. 7,3.21; 13,7.12.15; 15,24).

Pilatos, perguntando “que fizeste?” quer descobrir os crimes de Jesus. As passagens indicadas manifestam, porém, o que Jesus realmente fez. Ele não fez nada de mal. Ele deu testemunho da verdade (cf. Jo 18,37), mostrou-nos a sua glória e comunicou-nos graça sobre graça (cf. Jo 1,14.16). Estas obras mostram-nos a verdadeira dimensão da realeza de Jesus.²³

Jesus compreendeu a pergunta de Pilatos “que fizeste?” evidentemente neste sentido: as suas obras e sinais são revelação da sua realeza. Por isso Jesus continua agora falando sobre a sua realeza.

IV. Jesus explica a sua realeza (Jo 18,36)

Respondendo à pergunta de Pilatos Jesus revela solenemente a sua realeza: “A minha realeza não é deste mundo. Se a minha realeza fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora a minha realeza não é daqui”. Primeiro (v. 36) Jesus explica que a sua realeza não é deste mundo. Depois (v. 37) ele mostra que ele é realmente Rei. Agora ele fala bem claramente, de modo que Pilatos poderia chegar a um conhecimento mais profundo de Jesus e da sua realeza, se ele quisesse realmente compreender as respostas de Jesus. Jesus revela a Pilatos que a sua realeza não é deste mundo. Ele veio para construir o seu reino, ele não fez outra coisa. Mas Pilatos nem escuta atentamente e interrompe a resposta de Jesus: “Logo, tu és rei?”. Assim, Jesus, explicando solenemente a sua realeza, revela o seu segredo messiânico. Esta resposta de Jesus é o ponto central de todo o interrogatório.²⁴

²³ Cf. R. FABRIS, *Giovanni*, 930: “Non si può escludere che la nuova domanda del giudice romano possa essere intesa nella prospettiva cristologica giovannea, come lascia capire la risposta successiva di Gesù. Solo attraverso quello che Gesù ha fatto – segni e opere – si può cogliere la giusta dimensione del suo statuto regale”.

²⁴ Cf. J. BLANK, *Die Verhandlung vor Pilatus*, 69.

1. “A minha realeza não é deste mundo” (Jo 18,36a)

A palavra grega βασιλεία pode ter vários significados. Jean Carmignac explica os aspectos diferentes.²⁵ Βασιλεία pode significar “Realeza”, “Reinado” e “Reino”. Realeza designa a dignidade do Rei, Reinado o exercício do poder real e Reino os territórios ou as pessoas sobre as quais o rei exerce a sua autoridade.

Por causa desta situação lingüística, os autores que falam grego ou latim (portanto, quase todos os Padres da Igreja) têm a tendência de confundir estas três noções, e aqueles que falam alemão ou inglês (portanto, muitos teólogos modernos) têm, por sua vez, a tendência de absorvê-las na noção de “reino” (kingdom, Reich), mais ou menos silenciando a “realeza” e o “reinado”. Por isso é importante considerar cada caso e ver o contexto, para poder dar a tradução exata do termo.²⁶

Qual é então o sentido de βασιλεία em Jo 18,36? Contemplando o primeiro interrogatório de Jesus por Pilatos, notamos que Jesus responde à pergunta do procurador: “És tu o rei dos judeus?” (Jo 18,33) com as palavras: Ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου (Jo 18,36). E no centro do interrogatório se repete a pergunta: “Logo, tu és rei? E Jesus responde: Tu dizes que sou rei” (Jo 18,37). Se Jesus responde às perguntas de Pilatos, se ele é rei, a primeira vez com βασιλεία e a segunda vez com βασιλεύς devemos concluir que Jesus falando da sua βασιλεία pensa na sua realeza. Traduzimos, por isso em Jo 18,36 βασιλεία com “realeza”.²⁷ Também Schnackenburg concorda com esta tradução: “A βασιλεία de Jesus significa aqui não o seu ‘reino’, mas correspondendo à pergunta de Pilatos a função (‘realeza’).”²⁸

²⁵ Cf. J. CARMIGNAC, *Le Mirage de l’Eschatologie*, 13: “La langue française possède trois substantifs dérivés du mot ‘roi’: ce sont ‘royauté’, ‘règne’ et ‘royaume’:

‘Royauté’ désigne la dignité du roi; c’est un terme abstrait qui exprime l’ensemble de ce qui constitue un roi, qui le distingue de toute autre personne.

‘Règne’ désigne l’exercice du pouvoir royal, en incluant volontiers un aspect temporel.

‘Royaume’ désigne les territoires ou les personnes sur lesquels le roi exerce son autorité, et donc ce terme évoque souvent une connotation spatiale.”

²⁶ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Gottes Herrschaft und Reich*, 247.

²⁷ Cf. J. CARMIGNAC, *Le Mirage de l’Eschatologie*, 65.

²⁸ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 284: “Die βασιλεία Jesu bezeichnet hier nicht sein ‚Reich‘, sondern ist entsprechend der Frage des Pilatus Funktionsbezeichnung (‚Königtum‘)”.

Jesus começa, então, a explicar a sua realeza. Falando da sua realeza, ele coloca o acento em “minha” - ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ. Por isso, ele não usa a forma mais simples ἡ βασιλεία μου. Jesus quer salientar que a “sua” realeza é única e irrepitível, diferente das outras.

Jesus começa a explicar a origem (εἶναι ἐκ) da sua realeza. Ela não tem a sua origem neste mundo: Ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου.²⁹ Por isso, não se pode interpretar a sua realeza no sentido político e terreno. Jesus rejeita as esperanças messiânicas erradas dos judeus como também o medo político de Pilatos. A realeza de Jesus realiza-se pela revelação da verdade neste mundo. “Jesus é Rei como enviado do céu, como o revelador celeste e mediador da vida divina”.³⁰ A realeza de Jesus não é deste mundo mas está presente neste mundo. A sua βασιλεία é eficaz em todo o lugar onde se ouve a sua voz. Neste sentido, a realeza de Jesus toca também o mundo político.³¹

A realeza de Jesus não se identifica com este mundo porque é divina, é espiritual e eterna. Não se apoia nos poderes deste mundo nem se deixa inspirar pelo espírito do mundo. O poder de Jesus está presente neste mundo, mas se realiza numa forma diferente da de um poder terreno, porque recebe o seu espírito interior do alto.³²

Nos escritos joaninos a palavra “cosmos” pode ter vários significados. Pode significar o mundo material (p. ex.: Jo 17,5; 17,24; 21,25), que foi criado pela palavra de Deus (cf. Jo 1,3.10). Pode significar também a humanidade em geral (p. ex.: Jo 1,9; 1,29; 3,17; 16,8). Enfim, significa também o mundo inimigo de Jesus: é a humanidade que rejeita ele (p. ex.: Jo 1,10-11; 7,7; 8,23).

Chama atenção que Jesus fala em 18,36 “deste mundo”. Pela primeira vez ele pronuncia estas palavras em Jo 8,23: “Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou”. Nesta

²⁹ Para o significado de εἶναι ἐκ veja: W. BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, 454. Cf. também: R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 506; 95,5; 97,3; 117,6: “Em grego εἶναι ἐκ significa normalmente a origem de alguma coisa”.

³⁰ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Gottes Herrschaft und Reich*, 230: “König ist Jesus als der Gesandte von oben, als der himmlische Offenbarer und Vermittler göttlichen Lebens”.

³¹ Cf. J. BLANK, *Die Verhandlung vor Pilatus*, 70: “Es wäre nun falsch, würde man Jesu βασιλεία schlechtweg als ‚unpolitisch‘ bezeichnen. Gerade ihr nicht-welthafter Charakter ist es, durch den sie auch die politische Sphäre an ihrer Wurzel tangiert und in Frage stellt”.

³² Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 80.

conversa com os judeus Jesus se revela por duas vezes: ὅτι ἐγὼ εἶμι (v. 24 e 28); mas, os judeus respondem somente com infidelidade e falta de compreensão. Desta forma, a oposição entre Jesus e seus adversários se torna cada vez mais manifesta. O capítulo 8 inteiro é caracterizado por esses contrastes entre Jesus e os judeus, que se tornam cada vez mais claros.

Os judeus, conscientemente, tinham interpretado mal a palavra de Jesus da sua partida (8,21) – até numa maneira bem sarcástica, porque suicídio era um pecado grave no judaísmo que exclui da vida eterna.³³ Por isso, Jesus pronuncia agora uma palavra bem dura contra estas pessoas: Eles são “cá de baixo”, enquanto Ele é “lá de cima”. A posição acentuada de “Vós” sublinha ainda o contraste: Ὑμεῖς ἐκ τῶν κάτω ἐστέ, ἐγὼ ἐκ τῶν ἄνω εἶμι· ὑμεῖς ἐκ τούτου τοῦ κόσμου ἐστέ, ἐγὼ οὐκ εἶμι ἐκ τοῦ κόσμου τούτου. O contra-ataque de Jesus tem a seguinte lógica: os judeus querem lançá-lo para baixo, i.é, no inferno. Por isso, eles mostram que são realmente “de baixo”. Jesus, ao contrário, vem do alto e vai voltar para lá (cf. 8,14; 3,31.13). “Eu dou testemunho de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também dá testemunho de mim” (Jo 8,18). Quem se pronuncia, portanto, contra Jesus, pronuncia-se também contra o Pai.

Acrescentando “vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo” Jesus ainda sublinha o contraste entre ele e os judeus, porque a origem deixa conhecer a essência: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3,6). Jesus declara abertamente que não tem nada em comum com essas pessoas nem quer ter.

“Este mundo” nem sempre tem um sentido tão negativo. Às vezes chama a uma separação (cf. Jo 9,39) ou a um julgamento (cf. Jo 12,31; 16,11), às vezes, distingue somente este mundo do mundo transcendente (cf. Jo 12,25; 11,9; 13,1).³⁴ Distanciando-se “deste mundo”, Jesus não somente se separa dos seus inimigos, mas quer também manifestar a transcendência do seu ser.

³³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, II, 251: “Es ist nicht ein einfaches Mißverständnis, sondern eine bewußte Mißdeutung und eine sarkastische Beschimpfung: Er will zur Hölle abfahren – dorthin können und wollen wir ihm nicht folgen. Sie verdächtigen den, der das Licht des Lebens verheißt, sich selbst das Leben zu nehmen, und bestätigen so ihre «Sünde»”.

³⁴ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, II, 408: “Aber im Kontext liegt es näher, den Satz unter dem natürlichen Bild (,das Licht dieser Welt‘ = die Sonne) noch auf Jesu eigenen Weg zu beziehen: Mir (und euch) droht am Tag, in dieser mir geschenkten Zeit des Wirkens, kein Sturz, kein Unheil”.

O que Jesus quer dizer então em Jo 18,36? Dizendo: “A minha realeza não é deste mundo. Se a minha realeza fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora a minha realeza não é daqui” (Jo 18,36), ele quer salientar que a sua realeza não é terrena. Jesus quer trazer-nos a revelação celeste, por isso a sua realeza é sobrenatural e diferente da deste mundo. Diz também São Tomás que o reino de Cristo não podia ser feito do mundo porque foi restaurado em Cristo.³⁵

Por isso, Jesus não aspira a uma revolução com meios terrenos. Se fosse assim, os seus servos teriam lutado por ele. Mas a sua realeza não é deste mundo, é uma coisa nova. A sua finalidade é a salvação do mundo: ἐγὼ εἰς τοῦτο γεγέννημαι καὶ εἰς τοῦτο ἐλήλυθα εἰς τὸν κόσμον, ἵνα μαρτυρήσω τῇ ἀληθείᾳ πᾶς ὁ ὢν ἐκ τῆς ἀληθείας ἀκούει μου τῆς φωνῆς (18,37). Somente neste sentido pode haver qualquer conflito com uma autoridade política, porque a revelação de Jesus exige uma decisão em favor ou contra Jesus: “A redenção é um acontecimento dramático no qual se realiza o amor do criador na missão do Filho para o mundo”.³⁶

2. Os ministros de Jesus

Na primeira parte da sua resposta, Jesus explica que a sua realeza é diferente: não é deste mundo. Na segunda parte, Jesus continua: “Se a minha realeza fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus”. Lembremos brevemente a estrutura deste versículo. Temos aqui um quiasmo duplo³⁷: com οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου· εἰ ἐκ τοῦ κόσμου τούτου ἦν podemos ver o quiasmo: predicado – sujeito, sujeito – predicado. O quiasmo sujeito – predicado, predicado – sujeito encontramos num nível mais alto em Ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου· εἰ ἐκ τοῦ κόσμου τούτου ἦν ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ. Por isso temos o esquema seguinte:

³⁵ Cf. THOMAS DE AQUINO, *Catena Aurea*, 564: “De mundo enim est quidquid hominum a Deo quidem creatum, sed ex Adam vitiatam stirpem generatum est; factum est autem regnum non iam de mundo quidquid inde in Christo regeneratum est”.

³⁶ Cf. H. BALZ, *κόσμος*; in: *EWNT* II, 772: “So stellt sich die Erlösung dar als ein dramatisches Geschehen, in welchem sich die Liebe des Schöpfers in der Sendung des Sohnes in den *κόσμος* hinein erfüllt”.

³⁷ Brown não fala de quiasmo mas de “parallelismo a scaletta”; cf. R.E. BROWN, *Giovanni, Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1051.

- V. 36: ἀπεκρίθη Ἰησοῦς,
 a Ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ
 b οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου·
 b' εἰ ἐκ τοῦ κόσμου τούτου ἦν
 a' ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ

Nesta segunda parte da sua resposta, Jesus explica a sua realeza de uma maneira que Pilatos deveria compreender, que a realeza de Jesus é totalmente diferente de qualquer realeza terrena: Jesus não tem ministros que lutam por ele com armas. Por isso, Pilatos deveria reconhecer que a realeza de Jesus não tem absolutamente nenhum caráter político.³⁸ Pilatos não precisaria ter medo, porque o fato de Jesus haver caído nas mãos dos judeus sem resistência dos seus ministros é prova suficiente de que Jesus não aspira a um poder político.³⁹

Οἱ ὑπηρεταὶ οἱ ἐμοὶ ἠγωνίζοντο [ἄν]: Temos aqui [ἄν] em parênteses, porque falta em alguns códices. Não é absolutamente necessário para indicar o *Irrealis*.⁴⁰ A tradução exata segundo Blass-Debrunner seria: “eles teriam lutado e continuariam a lutar”.⁴¹ Mais uma particularidade gramatical encontramos na frase final ἵνα μὴ παραδοθῶ τοῖς Ἰουδαίοις. Em lugar do indicativo que indicaria a não realidade é usado o subjuntivo.⁴² Na verdade Pedro começou a lutar, mas Jesus proibiu (cf. Jo 18,10-11).

Resta ainda a explicação de οἱ υπηρεταὶ οἱ ἐμοί. No NT ὑπρέτης significa *servo*, *ministro*. Nos evangelhos esta palavra aparece quase

³⁸ R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 506: “Der Beweis dafür ist einfach: wäre das Königtum Jesu von der Art weltlicher Herrschaften, hätte es also einen politischen Charakter, so würde Jesus über Truppen verfügen, die ihn nicht widerstandslos der Hand des Pilatus überlassen hätten”.

³⁹ E. HAENCHEN, *Das Johannesevangelium*, 545: “Pilatus bräuchte wirklich keine Angst haben, denn “der christliche Glaube begehrt nicht die Weltmacht. Er ist “unpolitisch”. Die Tatsache, daß Jesus ohne Widerstand der Seinen in die Hände der Juden geraten ist, ist dafür Beweis genug”.

⁴⁰ Cf. BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, 290, § 360,1.

⁴¹ *Ibidem*, 291, § 360,3.

⁴² *Ibidem*, 292, § 361: “O indicativo é usado em frases finais para exprimir uma intenção não realizada ou não realizável. ... Comparável é no NT a coordenação com καὶ em lugar de subordinação com ἵνα”.

sempre em relação com a Paixão. Temos os ministros (ὀπηρέται) do sumo sacerdote e do sinédrio (p. ex. Mc 14,54; Mt 26,58). Os sumo sacerdotes e fariseus mandam servos (ὀπηρέται) para prender Jesus (Jo 18,3). Na prisão de Jesus estes são chamados οἱ ὀπηρέται τῶν Ἰουδαίων. Eles acenderam um fogo no átrio da casa do sumo sacerdote (Jo 18,18); os sumo-sacerdotes exigem a morte de Jesus junto com os ministros (Jo 19,6). Por isso é muito significativo que Jesus fala dos “seus” ministros (οἱ ὀπηρέται οἱ ἐμοί); os seus servos não usam de violência, em contraste com os servos dos judeus.⁴³

Também Schnackenburg vê o paralelo entre os ministros de Jesus e dos judeus, que foram enviados para prender Jesus.⁴⁴ Muitos autores, porém, não são unânimes na explicação dos ministros de Jesus. O problema é que a realeza de Jesus não é deste mundo. Brown pensa: “Se a palavra “ministro” pode ser aplicada ao reino de Jesus, essa encontrará logo tantas re-interpretações como o conceito de reino”.⁴⁵ Bultmann tenta uma solução mais fácil: O sentido desta frase é simplesmente: Jesus como rei terrestre teria ministros que iam lutar por ele.⁴⁶

Mas a solução não parece ser tão fácil. Certamente temos que considerar que a realeza de Jesus não é deste mundo. Mas isto não exclui que ele possa ter ministros. Como a sua realeza é diferente, também os seus ministros são diferentes. Lembremo-nos dos discursos de despedida quando Jesus diz aos seus discípulos: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer” (Jo 15,15). É verdade que Jesus usa aqui a palavra δοῦλος, mas este trecho pode ajudar-nos a chegar a uma compreensão mais clara da nossa pergunta. Jesus chama os seus discípulos amigos, não mais servos; ele os recebe

⁴³ Cf. G. SCHNEIDER, *ὀπηρέτης*, em: *EWNT* III, 957: “In diesem Zusammenhang ist bezeichnend, daß Jesus vor Pilatus (18,36) von seinen Dienern (οἱ ὀπηρέται οἱ ἐμοί) spricht, die für ihn kämpfen würden, falls sein Reich ‚von dieser Welt wäre‘. Der johanneische Jesus stellt den ‚Dienern der Juden‘ (18,12) ‚seine (gewaltlosen) Diener‘ gegenüber”.

⁴⁴ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 285.

⁴⁵ R.E. BROWN, *Giovanni, Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1051.

⁴⁶ Cf. R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 506: “Die Erwägungen, inwiefern Jesus seine Jünger als ὀπηρέται bezeichnen kann, erledigen sich durch die Einsicht, daß dies gar nicht der Fall ist. Der Sinn ist einfach: als weltlicher König würde ich ὀπηρέται haben, die für mich kämpfen würden”.

numa relação nova, por pura graça. Eles recebem este dom gratuitamente, ainda que continuem ser servos segundo a sua natureza. Jesus, no seu grande amor e condescendência, torna os seus discípulos seus amigos. Esta é uma situação totalmente nova. Estes amigos de Jesus não usam de violência, porque eles se esforçam por viver segundo a nova lei de Jesus e do seu reino. Jesus e o seu Pai querem assim; por isso Jesus proíbe a Pedro lutar com violência (cf. Jo 18,3.10-11.12). Este é o aspecto novo dos ministros do reino de Jesus. Se não tivesse ministros no seu reino, nem seria conveniente falar de um reino de Jesus. Só podemos falar de um reino se tiver um rei e seus súditos. Uma vez que o reino de Jesus não é deste mundo, também a maneira de ser dos seus súditos não é deste mundo. Eles são chamados amigos de Jesus, porque acreditaram em Jesus e receberam a vida divina dele. Diante de Pilatos Jesus fala dos seus “ministros” porque Pilatos compreenderia menos ainda se Jesus falasse dos seus “amigos”.⁴⁷

Interessante é que Jesus diz, que os seus ministros lutariam por ele e que ele não seria entregue “aos judeus”. De fato Jesus foi entregue a Pilatos, mas como temos visto no v. 35, os inimigos de Jesus são os judeus.

3. “A minha realeza não é daqui”

Na terceira parte da sua resposta Jesus volta mais uma vez a falar da sua realeza, no entanto, ele faz uma pequena mudança. Antes, Jesus tinha falado: “A minha realeza não é deste mundo”. Agora, ele diz: “A minha realeza não é daqui”. Os estudiosos estão todos de acordo que esta pequena diferença não tem importância. Jesus possui uma realeza, que não é deste mundo, então não é daqui, i.é não é terrena. Existe no mundo mas não pertence ao mundo, como Jesus e os seus estão no mundo mas não são do mundo.⁴⁸ Também Bultmann e Barrett concordam que οὐκ ἔστιν ἐντεῦθεν e οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου têm o mesmo sentido.⁴⁹

Podemos, então, concluir este ponto e começar o ponto culminante do primeiro interrogatório de Jesus por Pilatos.

⁴⁷ Cf. K.H. RENGSTORF, *ὑπηρετάι*, em: *ThWNT* VIII, 542.

⁴⁸ Cf. A. WIKENHAUSER, *Das Evangelium nach Johannes*, 324.

⁴⁹ Cf. R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 506, nota 6; C.K.BARRETT, *The Gospel according to St. John*, 447.

V. A confissão de Jesus: “Tu dizes que sou rei” (Jo 18,37a)

Pilatos escuta a explicação de Jesus sobre a sua realeza, mas, evidentemente, não compreende o sentido das palavras de Jesus. Ele não é capaz de captar a peculiaridade da realeza de Jesus, que “não é deste mundo”. Ele compreendeu tanto, que não pergunta mais: “És tu o rei dos judeus?”, mas sim: “Logo, tu és rei?”.

Jesus tem de enfrentar de novo uma situação bem difícil. Por um lado, ele deve adaptar-se à capacidade de Pilatos, e por outro lado, deve considerar que Pilatos tem uma idéia do conceito “Rei” bem diferente da sua.

Por isso, Jesus responde duma maneira que não é “Sim”, mas tampouco significa “Não”. Ele diz: *Σὺ λέγεις ὅτι βασιλεύς εἰμι*. I. de la Potterie explica esta passagem:

A resposta *σὺ λέγεις (...)* não equivale a um simples “Sim” (contra Bultmann); ela exprime uma certa reserva, uma restrição de afirmação. Jesus não recusa a sua qualidade de rei, mas ele a entende de outra maneira do que Pilatos; mas ele também não rejeita a palavra *βασιλεύς* na sua resposta.⁵⁰

Jesus não diz simplesmente: “Sim, sou um rei”. Seria uma confirmação da idéia de Pilatos. Mas tampouco diz: “Não, não sou um rei”, porque de fato ele é rei. Em seguida, ele continua a expôr como ele entende a sua realeza.

Jesus introduz a sua resposta com *σὺ λέγεις*. Essa fórmula serve para assegurar e confirmar a afirmação: Eu não teria dito nada, mas uma vez que me perguntas: “Tu dizes, não eu!”⁵¹

Bultmann compreende *σὺ λέγεις* como simples afirmação no sentido que Jesus diz: “Tu dizes isto”. Com isto Pilatos teria a responsabilidade por esta afirmação.⁵² Schnackenburg segue esta opinião, enquanto Fabris e Brown preferem a resposta acima proposta.⁵³ Barrett pensa que

⁵⁰ I. DE LA POTTERIE, *La vérité dans Saint Jean*, I, 100: “La réponse *σὺ λέγεις (...)* n’est pas équivalente à un simple “oui” (contre Bultmann); elle exprime une certaine réserve, une restriction dans l’affirmation: Jésus ne récuse pas sa qualité de roi, mais il l’entend tout autrement que Pilate; aussi ne reprend-il pas le mot *βασιλεύς* dans sa réponse”.

⁵¹ Cf. BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, 366, § 441,4.

⁵² Cf. R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 506, nota 7.

⁵³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 285; R. FABRIS, *Giovanni*, 931; R.E. BROWN, *Giovanni, Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1052.

Jesus nem quer afirmar nem negar a sua realeza. Se for necessário falar sobre ela, então que falem outros.⁵⁴

Esta pergunta de Pilatos e resposta de Jesus é o centro da nossa cena (ponto E e E' do nosso esquema). O interrogatório tem uma única finalidade: Pilatos quer saber se Jesus é rei ou não, e Jesus se esforça para explicar ao imperador romano a peculiaridade da sua realeza. Porque a sua explicação no v. 36 não encontrou nenhuma compreensão em Pilatos, Jesus tenta agora mais uma vez expôr a sua particularidade. A pergunta de Pilatos: “Que é a verdade?” mostra que também este esforço de Jesus não teve resultado.

VI. A vinda de Jesus ao mundo (Jo 18,37b)

Depois da confissão solene da sua realeza, Jesus continua a explicar o sentido da sua realeza. Primeira ele fala da sua vinda ao mundo: “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo” (Jo 18,37b).

A palavra grega γεννάω se usa tanto para a geração do pai como para o dar à luz da mãe. Este verbo recebe significado teológico por causa da encarnação de Jesus (no evangelho de S. Lucas). No evangelho de S. João este verbo é usado para significar o nascimento de Deus⁵⁵, p. ex. Jo 1,13: Deus deu a todos que “não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” o poder de se tornarem filhos de Deus. Quando S. João fala de Jesus, ele nunca usa o verbo γεννάω, somente aqui em 18,37.

Jesus fala também da sua “vinda ao mundo”. O verbo ἔρχεσθαι como também a expressão ἔρχεσθαι εἰς τὸν κόσμον aparecem várias vezes em São João. Jesus fala da sua vinda como Messias, enviado do Pai: “Eu vim em nome de meu Pai” (Jo 5,43). “Eu não vim porque eu, de mim mesmo, o quisesse, mas aquele que me enviou é verdadeiro, aquele a quem vós não conheceis” (Jo 7,28). Jesus fala também da sua vinda ao mundo: “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo” (Jo 3,19; cf. 9,39). Jesus sabe plenamente de onde vem e para onde vai (cf. Jo 8,14): “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10; cf. 12,46). Ele

⁵⁴ C.K.BARRETT, *The Gospel according to St. John*, 448: “Jesus himself will neither affirm nor deny his kingship. If it is to be spoken of it must be in the lips of others.”

⁵⁵ Cf. A. KRETZER, γεννάω, em: *EWNTI*, 586; cf. F. BÜCHSEL, γεννάω, em: *ThWNTI*, 663.

quer salvar o mundo: “Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo” (Jo 12,47).

Vemos que o verbo ἔρχεσθαι contém um sentido cristológico. Muitas vezes Jesus coloca o testemunho sobre si mesmo contra as idéias erradas a seu respeito.⁵⁶ Alguns autores pensam, por isso, que o verbo γεννάω se refere a encarnação de Jesus, enquanto ἔρχεσθαι εἰς τὸν κόσμον se refere à sua missão messiânica.⁵⁷ Fabris pensa que Jesus seria rei em virtude do seu nascimento e da sua missão.⁵⁸ Schnackenburg e Barrett pensam que se trata somente de uma expressão pleonástica.⁵⁹

A expressão ἔρχεσθαι εἰς τὸν κόσμον, porém, nos faz pensar na preexistência de Jesus. Se ele fala da sua vinda, ele deve ter existido antes; se não, ele deveria falar do seu nascimento. Podemos, por isso, certamente, fazer esta distinção: que Jesus falando do seu nascimento, usa o verbo γεννάω; ao passo que, referindo-se à sua missão messiânica, ele usa a expressão ἔρχεσθαι εἰς τὸν κόσμον. Ele diz: “se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente me havíeis de amar; porque eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou” (Jo 8,42). Jesus está bem consciente de que o Pai está no início e é o fim da sua missão: “Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai” (Jo 16,28). Na sua missão ele comunica somente aquilo que recebeu primeiro do Pai “Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste” (Jo 17,8).

Depois de ter mostrado o fundamento da sua existência – a sua preexistência junto do Pai e a sua encarnação no mundo – ele mostra-nos agora a finalidade da sua missão, pois ele diz: εἰς τοῦτο. Ele veio ao mundo para cumprir uma missão. A finalidade da sua encarnação e da sua missão no mundo é o testemunho da verdade. Jesus sublinha esta finalidade pronunciando duas vezes εἰς τοῦτο: o testemunho da verdade não é

⁵⁶ Cf. T. SCHRAMM, *ἔρχεσθαι*, em: *EWNT* II, 143; J. SCHNEIDER, *ἔρχεσθαι*, em: *ThWNT* II, 668.

⁵⁷ Cf. R.E. BROWN, *Giovanni, Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1053.

⁵⁸ Cf. R. FABRIS, *Giovanni*, 931: “In forza della sua nascita e della sua missione Gesù è re”.

⁵⁹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 286. C.K. BARRETT, *The Gospel according to St. John*, 448.

qualquer tarefa entre outras, que Jesus tem de cumprir na sua vida, mas é a finalidade e o conteúdo da sua vinda ao mundo. A salvação do mundo realiza-se precisamente pelo seu testemunho da verdade (cf. Jo 12,47).

VII. A finalidade da encarnação: dar testemunho da verdade (Jo 18,37c)

Jesus explica a finalidade e o conteúdo da sua encarnação com estas palavras: ἵνα μαρτυρήσω τῆς ἀληθείας. Van den Bussche comenta:

Jesus nasceu para ser rei. A realeza confere pleno sentido à sua vida, a coroa é a sua morte, aquela hora para a qual ele chegou (12,27). A sua realeza é um testemunho dado à verdade.⁶⁰

O verbo μαρτυρέω no evangelho de S. João se refere totalmente à pessoa e figura de Jesus. João Batista aparece como testemunha para dar testemunho de Jesus (Jo 1,7.8.15.32.34; 3,26.32; 5,33); outras pessoas, entre as quais se encontram também os discípulos de Jesus, dão testemunho de Jesus (Jo 4,39; 12,17, 19,35; 21,24); Jesus dá testemunho de si mesmo (Jo 3,11; 4,44; 5,31; 8,13.14.18; 13,21; 18,37); seu Pai celeste e suas obras dão testemunho dele (Jo 5,32.36.37; 8,18; 10,25). Igualmente as Sagradas Escrituras e o Espírito Santo, o Paráclito, dão testemunho de Jesus (Jo 5,39; 15,26).

Estas passagens revelam a essência e o significado da pessoa de Jesus.⁶¹ Por isso, Schnackenburg explica com razão: “A idéia de testemunho aqui não tem um sentido terreno-jurídico, mas significa a testemunha celeste, que fala no mundo o que ‘viu e ouviu do Pai’ (cf. 3,32; 8,26)”.⁶² Jesus tinha recebido do Pai a missão de salvar o mundo (cf. Jo 3,16). Para isso ele é testemunha. Ele, que é a verdade (Jo 14,6), pode, por isso, dizer que dá testemunho da verdade, porque quer revelar aos homens a verda-

⁶⁰ H. VAN DEN BUSSCHE, *Giovanni. Commento del Vangelo spirituale*, 581: “È per essere re che è nato, che è venuto in questo mondo. La regalità dà il suo pieno significato alla sua vita; il suo coronamento è la sua morte, quell’ Ora per la quale è venuto (12,27). La sua regalità è una testimonianza resa alla verità”.

⁶¹ Cf. H. STRATHMANN, *μαρτυρέω*, em: *ThWNT* IV, 502-503; cf. também J. BEUTLER, *μαρτυρέω*, em: *EWNT* II, 960-962.

⁶² R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 286: “Der Zeugnisgedanke hat hier zunächst keinen irdisch-forensischen Sinn, sondern meint den himmlischen Zeugen, der das in die Welt redet, was er ‚vom Vater gesehen und gehört hat‘ (vgl. 3,32; 8,26)”.

de salvífica, que ele é o salvador do mundo: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Como Filho, Jesus é o revelador do Pai. Ele dá testemunho da pessoa dele, pois ele é o único caminho para o Pai (cf. Jo 14,6).

Os estudiosos concordam que “verdade” aqui não significa a verdade filosófica como suprema realidade ou supremo ser. João não é filósofo. Ele fala da verdade no sentido bíblico como “manifestação dos planos de Deus”. Uma vez que Jesus vem de cima, ele conhece os desígnios divinos (cf. Jo 3,31). O Pai lhe deu tudo (cf. Jo 3,35) e o que Jesus recebeu do Pai ele comunica aos outros: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão e ninguém arrebatará as ovelhas da minha mão” (Jo 10,28; cf. 17,2).

Por isso, I. de la Potterie sugere traduzir Jo 1,14-17 não com “cheio de graça e de verdade”, mas sim: “cheio da graça da verdade”. Pois:

Na visão de S. João existe somente um único dom do verbo encarnado aos homens: a graça da verdade. Esta verdade é a revelação definitiva de Deus aos homens por meio de seu Filho no seu Filho. O homem Jesus é a revelação total e revela o que ele mesmo é no seu próprio ser: O Filho do Pai.⁶³

Para João verdade significa a revelação do mistério da salvação em Jesus como o Filho do Pai (cf. Jo 14,9), que nos oferece a possibilidade tornar-se filhos de Deus (cf. Jo 1,12). É a missão do Messias trazer-nos a plenitude da revelação: “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18,37). Jesus pronuncia estas palavras exatamente naquela hora, na qual se aproxima a revelação do plano salvífico de Deus do seu auge. Desta forma Jesus confirma o que João escreveu sobre ele na última ceia: “Antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13,1). Neste amor até ao fim Jesus revela o ser divino que é amor (cf. Jo 3,16; 1 Jo 4,16).

⁶³ I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 81: “Nell’ottica di Giovanni, non c’è che un solo dono apportato agli uomini dal Verbo incarnato: la grazia della verità. Questa verità è la rivelazione definitiva di Dio agli uomini per mezzo del Figlio suo nel Figlio suo. L’uomo Gesù è la rivelazione totale e rivela ciò che egli è nel proprio essere: Figlio del Padre”.

VIII. A resposta à revelação de Jesus: escutar a sua voz (Jo 18,37d)

Numa frase semelhante à sua explicação da sua realeza Jesus explica agora: *πᾶς ὁ ὢν ἐκ τῆς ἀληθείας ἀκούει μου τῆς φωνῆς*. Como Jesus tinha caracterizado antes a sua realeza como “não deste mundo”, assim ele fala agora daqueles que “são da verdade”. Antes tínhamos a figura de quiasmo (sujeito – predicado, predicado – sujeito), agora temos um paralelismo: sujeito (todo aquele que é) – predicado (da verdade), sujeito (ouve) – predicado (a minha voz).

A frase nos lembra da discussão de Jesus com os judeus no capítulo 8 como também da parábola do bom pastor no capítulo 10. Jesus acusa os judeus infieis que ele lhes anunciava a verdade (8,40.45f.); eles, porém, o rejeitaram porque não são de Deus (8,47). O contrário àqueles judeus são aqueles fiéis que escutam a voz do seu pastor (10,3.16.27).

Em Jo 18,37 *ἀκούω* é usado com Genitivo, enquanto normalmente é usado com Acusativo. Em João *ἀκούειν φωνῆς* é usado no sentido de “obedecer”, como na parábola do Bom Pastor (Jo 10,3.8.16.20.27).⁶⁴ Pode significar também a escuta atenta e compreensiva das palavras de Jesus (Jo 1,37; 3,29; 6,60; 7,32.40; 12,47; 19,13) como a submissão humilde, que corresponde ao Filho de Deus (Jo 5,24.25.28). Também o Pai escuta a oração de Jesus (Jo 11,41.42). Segundo estes exemplos podemos concluir que em Jo 18,37 *ἀκούειν τὴν φωνήν* é usado no sentido de obedecer. Schneider confirma esta conclusão:

Em Jo 3,8 e 5,37 *ἀκούειν τὴν φωνήν* significa “escutar” num sentido exterior, ao passo que outras passagens (p. ex. 18,37) devem ser interpretadas no sentido de obedecer a Jesus.⁶⁵

Schnackenburg dá a mesma explicação:

Neste caso *ἀκούειν* com Genitivo significa certamente “escutar, acolher escutando, obedecer”, enquanto *ἀκούειν τὴν φωνήν* em 3,8 e 5,37 significa a escuta num sentido exterior. Nem sempre pode-se distinguir claramente,

⁶⁴ Cf. BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, 142, § 173,5.

⁶⁵ G. SCHNEIDER, *ἀκούω*, em: *EWNT I*, 128-129: “Joh 3,8 und 5,37 bezeichnet *ἀκούειν τὴν φωνήν* das Hören in einem äußerlichen Sinn, während andere Aussagen (z.B. 18,37 ‚Jeder der aus der Wahrheit ist, hört auf meine Stimme‘) im Sinne des gehorsamen Hörens auf Jesus zu deuten sind”.

cf. 5,25; pelo menos em 18,37 ἀκούειν tem, como em 5,25, o sentido duplo: “perceber exteriormente” e “acolher com fé”.⁶⁶

Esta observação é muito importante. Mostra-nos que a realeza de Jesus é uma realeza da verdade, que é construída somente com meios espirituais. O acesso é somente possível pela escuta da voz de Jesus, i.é, pela fé. Jesus é a testemunha da verdade, sim, ele mesmo é a verdade. A sua realeza se baseia neste fundamento. Ele exerce a sua realeza como revelador dos mistérios divinos, como o Rei-Messias que convida os homens a participar na verdade divina. Assim diz Blank: “Jesus é Rei como o Revelador, porque ele é totalmente da verdade e comunica-a”.⁶⁷ Todas as pessoas são convidadas a escutar o testemunho de Jesus e submeter-se a ele. Esta revelação abre a possibilidade de decidir-se em favor ou contra ela, aceitar ou rejeitar a salvação que Deus nos oferece em Jesus. Somente a fé abre o acesso a esta oferta de salvação. É assim porque a realeza de Jesus não se realiza pelo poder temporal de um rei neste mundo, mas pelo poder de um mestre que acolhe os seus discípulos e que deseja que todos os homens venham a ele.⁶⁸ O testemunho da verdade de Jesus não é somente para o povo judeu. Jesus quer ser o Rei-Messias universal. Isto será proclamado na cruz.

Com εἶναι ἐκ Jesus significa de novo a origem e a essência de uma pessoa ou coisa. Como em Jo 3,31 origem e essência são identificados: “Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos”, assim também aqui “ser da verdade” significa aqueles que vivem em união íntima e familiar com Jesus. Lüdemann explica acerca disso:

João exprime com as expressões εἶναι ἐκ, para os fiéis também γεγενῆσθαι ἐκ ... ou para o revelador ἔρχεσθαι ἐκ, a origem e manifesta com isto a essência da pessoa, que se exprime no seu falar e agir.⁶⁹

⁶⁶ R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 286, nota 41: “In dieser Verbindung heißt ἀκούειν mit Genitiv sicher ‚hören auf, hörend aufnehmen, gehorchen‘. Demgegenüber bezeichnet ἀκούειν τὴν φωνήν in 3,8 und 5,37 das Hören in einem äußerlichen Sinn. Die Unterscheidung wird nicht immer strikt durchgehalten, vgl. zu 5,25; wenigstens ist in 18,37 das ἀκούειν wie in 5,25 in dem doppelten Sinn gemeint: ‚äußerlich vernehmen‘ und ‚gläubig annehmen‘“.

⁶⁷ J. BLANK, *Die Verhandlung vor Pilatus*, 71: “König ist Jesus als der Offenbarer, weil er ganz aus der Wahrheit ist und sie mitteilt”.

⁶⁸ Cf. I. DE LA POTTERIE, *La vérité dans Saint Jean*, I, 107: “Jean semble avoir voulu insinuer ici ce que serait en réalité la royauté du Christ: non pas la domination temporelle

“Ser do mundo” significa identificar-se com o mundo e pensar e viver segundo os princípios do mundo. Por conseguinte “ser da verdade” significa viver totalmente segundo a verdade, que, afinal, é Jesus mesmo (cf. Jo 14,6). A revelação de Jesus deve penetrar todo o ser humano. Se Jesus é a verdade e nos revela o mistério de Deus, isto é, se ele dá testemunho da verdade, então os homens devem acolher essa verdade. Somente quando os homens bebem a água viva ela se tornará a fonte viva que sacia a sede: “aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4,14). Então também se realizará a outra palavra de Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Quanto mais os homens vivem segundo a revelação, tanto mais conhecerão e compreenderão a revelação. A palavra acolhida renovará o homem interiormente, o iluminará, orientará o seu pensar e agir. O homem deve acolher a luz da verdade e permitir que ela forme o seu interior, e ele experimentará cada vez mais os efeitos salvíficos da revelação na sua vida. É isto que significa para Jesus “ser da verdade”. Quanto mais buscamos seriamente a verdade, tanto mais poderemos ouvir a voz do Senhor. Ele nos introduzirá cada vez mais na verdade. Assim se realizará o conhecimento mútuo entre Jesus e os seus como ele explica em Jo 10,14: “Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem a mim”. Aqueles que “são da verdade” são aqueles que Jesus chama “os meus”. Eles vivem numa familiaridade íntima com ele, Jesus os conhece e eles ouvem a sua voz e seguem-no: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (Jo 10,27).

Esta palavra de Jesus de novo era um convite a Pilatos para que repensasse a sua situação e refletisse, se não quisesse ser um daqueles, que não escutam a voz de Jesus. Mas Pilatos mostra com a sua pergunta, que não quer seguir a este convite e faz parte daqueles que não são da verdade e não escutam a voz de Jesus.

d'un roi de ce monde, mais le pouvoir d'un maître qui accueille des disciples, et qui désire voir venir à lui tous les hommes”.

⁶⁹ G. LÜDEMANN, *ék*, em: *EWNT I*, 979: “Johannes drückt mit den Wendungen ,ει\nai eIk', für die Glaubenden auch ,γεγέννησθαι ἐκ' ... oder für den Offenbarer ,ἔρχεσθαι ἐκ', den Ursprung aus und macht damit eine Aussage über das Wesen der betreffenden Personen, das sich in ihrem Reden und Tun immerfort ausprägt”. Cf. também R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 97, nota 3 e 117, nota 6.

IX. A pergunta final de Pilatos: “Que é a verdade”? (Jo 18,38a)

Pilatos termina o primeiro interrogatório com a pergunta: “Que é a verdade”? Com esta pergunta ele revela que não faz parte daqueles que são da verdade e escutam a voz de Jesus. Ele é semelhante aos judeus que no capítulo 8 do evangelho de S. João não foram capazes de compreender as palavras de Jesus. Ele mostra que não pertence às ovelhas dele, porque como ovelha ele deveria compreender as palavras de Jesus (cf. Jo 10,27). Jesus convidou Pilatos a fazer parte daqueles que escutam a sua voz para chegar a uma compreensão da sua realeza. Pilatos, porém, deixa passar a hora favorável. Fabris exprime isto com as seguintes palavras: Pilatos “é um representante deste mundo incrédulo que não é capaz de reconhecer nem acolher Jesus como único e definitivo revelador de Deus”.⁷⁰ Portanto, a pergunta de Pilatos: “Que é a verdade” é somente uma pergunta retórica, assim pensa Bultmann: “Ela não espera nenhuma resposta mas termina o colóquio; Pilatos sai outra vez. Se ele tivesse esperado uma resposta e se o silêncio de Jesus tivesse sido uma rejeição de tal resposta, deveria ter sido mencionado este silêncio expressamente como em 19,9”.⁷¹ Isto significa evidentemente já o julgamento de Pilatos, porque evidentemente ele se decidiu contra Jesus. A pessoa de Jesus e a sua revelação exigem uma decisão clara. Jesus mesmo afirma isto: “Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3,18).

Podemos, então, terminar as nossas pesquisas exegéticas do primeiro interrogatório de Jesus por Pilatos. Antes de começar a parte teológica do nosso trabalho queremos dar ainda uma visão de conjunto da segunda parte e salientar conexões e ligações.

X. Visão de conjunto

O interrogatório começou com a pergunta de Pilatos: “És tu o Rei dos judeus”? (Jo 18,33). Temos visto que Pilatos tem uma noção de realeza totalmente diferente da de Jesus. Por isso ele usa a expressão “Rei dos

⁷⁰ R. FABRIS, *Giovanni*, 932: Pilato “è un rappresentante di quel mondo incredulo che non sa riconoscere e non è in grado di accogliere Gesù come unico e definitivo rivelatore di Dio”.

⁷¹ R. BULTMANN, *Das Evangelium des Johannes*, 507, nota 7: “Sie erwartet keine

judeus”, expressão que Jesus nunca tinha usado, porque tem uma conotação política.

No versículo 38 Pilatos mostra que o seu conceito de verdade – como o seu conceito de realeza – é diferente do de Jesus. Jesus está diante de Pilatos como a voz da verdade, como a revelação divina, e Pilatos pergunta somente acerca de “qualquer verdade”.

Podemos ver como nos pontos A e A’ do nosso esquema aparecem duas idéias diferentes. Temos a idéia de Pilatos, que reflete a atitude e opinião deste mundo, e temos oposto a revelação de Jesus que quer mostrar no mundo a realidade divina. Durante a conversa Pilatos não permitiu ser introduzido na visão divina das coisas. No fim, ele está no mesmo ponto que no início.

Como o interrogatório começa com a pergunta do procurador acerca da realeza de Jesus, ele termina também com uma pergunta acerca da verdade. Esta inclusão (A – A’) ajuda-nos a relacionar a realeza de Jesus com a verdade.

No ponto B Jesus tenta manifestar a Pilatos a sua própria atitude. Pilatos deve admitir que a iniciativa do processo vem dos judeus. São os judeus incrédulos e endurecidos, dos quais Jesus disse uma vez: “Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5,44). Eles não conseguem crer em Jesus porque procuram a própria honra e não a honra de Deus. Pilatos tinha reconhecido que eles entregaram Jesus somente por inveja (cf. Mt 27,18). Ele tentou repetidas vezes soltá-lo porque não encontrou nenhum motivo de julgá-lo. Mas, como os judeus não são da verdade porque procuram a própria honra e não a honra de Deus, e, por isso, não conseguiram ouvir a voz de Jesus durante a sua vida inteira e não chegaram à fé nele, também Pilatos se associa a eles. Tem medo da sua honra diante do César (cf. Jo 19,12) e, portanto, não consegue crer em Jesus. Ele fica infiel diante da revelação divina na pessoa de Jesus e não escuta a voz dele (B’).

No ponto C Pilatos procura a culpa: “Que fizeste?” (Jo 18,35). Jesus só tem uma resposta: o que ele fez aqui na terra foi, dar testemunho da verdade (C’). A finalidade da vida de Jesus era esta: trazer ao mundo a

Antwort, sondern bricht das Gespräch ab; Pilatus begibt sich wieder hinaus. Wäre eine Antwort erwartet und wäre Jesu Schweigen die Ablehnung einer solchen, so müßte dieses Schweigen wie 19,9 ausdrücklich erwähnt sein”.

revelação divina. Todas as palavras e obras de Jesus estão ao serviço da revelação. Por isso, S. João fala conscientemente dos milagres de Jesus como sinais: os milagres querem ser sinais da realidade divina, que está presente em Jesus.

No ponto D Jesus tenta convencer a Pilatos de uma realidade que não é deste mundo. Ele fala a ele da sua realeza, que não é deste mundo e, por isso, tem outras características, e não as de uma realeza terrena. No seu reino há servos, mas estes servos são diferentes dos servos de um reino terreno. Pilatos deveria compreender que o reino de Jesus é um reino verdadeiro, ainda que seja diferente dos conceitos comuns. Jesus é o representante desta realeza. Ele tampouco é deste mundo, mas ele veio ao mundo (D'). Pilatos não pode negar a presença e realidade de Jesus, por isso, ele deveria também compreender a realeza dele, que não é deste mundo, mas está no mundo como Jesus não é deste mundo, mas está no mundo.

No centro (E) temos a pergunta de Pilatos: “Logo, tu és Rei?” e a confissão de Jesus: “Tu dizes que sou Rei”. A resposta de Jesus (E'), apesar de não ser um “Sim” direto, como temos visto acima, é uma revelação clara da sua realeza. Porque distanciando-se nitidamente da idéia de Pilatos ele mostra a sua realeza como ela é na realidade. Por isso, esta pergunta de Pilatos e a resposta de Jesus estão no centro do primeiro interrogatório. E porque o tema da realeza caracteriza e penetra a paixão inteira, esta passagem é importante e decisiva para a compreensão do acontecimento inteiro da paixão.

Com estes pensamentos terminamos a segunda parte do nosso trabalho. Na primeira, temos visto a teologia do Evangelho de São João em geral e a teologia da paixão em particular. Na segunda parte, temos examinado o nosso texto com a ajuda da análise retórica. Na terceira parte, queremos elaborar a teologia do nosso trecho sob o ponto de vista: Jesus, Rei e testemunha da verdade. Queremos aprofundar a relação entre a realeza de Jesus e a verdade.

Paulus Seeanner ORC